

DISSIDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS À BRASILEIRA: UMA CARTOGRAFIA DAS TEORIZAÇÕES *QUEER* NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Dilton Ribeiro do Couto Junior (1); Fernando Altair Pocahy (2)

(1) Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

(2) Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – E-mail: pocahy@uol.com.br

Resumo

A partir das experiências dissidências de gênero e sexualidade que vêm sendo produzidas ao sul da linha do Equador, reconhecemos a necessidade de fomentar discussões teóricas que, longe de serem meramente incorporadas do Norte Global, possam ser desencadeadas a partir de epistemologias decoloniais, a partir de nosso lugar de origem que, academicamente, é comumente reconhecido como de produção intelectual inferior. Interessa-nos aqui promover interlocuções-cartográficas a partir de nossas vivências enquanto sujeitos latino-americanos – vivências marcadas pelo entrecruzamento de diversos marcadores sociais de identidade e diferença que nos constituem e nos impulsionam a (re)pensar nossas experiências cotidianas como sendo periféricas, mas também insurgentes, desobedientes. Diante disso, a proposta deste trabalho, fruto de pesquisa de pós-doutorado em andamento, é mapear os usos e impactos dos efeitos epistemológicos das contribuições *queer* na produção de conhecimento em educação no Brasil. Para isso, através dos possíveis efeitos dos (des)arranjos teórico-metodológicos das teorizações *queer* na pesquisa nacional, buscamos traçar um plano (provisório) que possa indicar algo da complexa trama por onde essas experimentações epistemológicas enredam-se no contexto da produção acadêmica do campo de estudos de gênero e sexualidade, autoproclamadas e/ou interpeladas dissidentes.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, epistemologias *queer*, educação.

1. Trânsitos de uma teoria: iniciando uma conversa

Com este texto buscamos acompanhar movimentos/experimentações teórico-metodológicas que permitem cruzar as fronteiras epistemológicas¹, enfrentando o regime hetero[CIS]centrado² (PRECIADO, 2014) a partir de teorizações que vêm/vieram sendo informadas e/ou impactadas pelas perspectivas *queer* (no sentido em que ela informa ou potencializa práticas de insubordinação diante dos cânones teóricos e(m) seus regimes de verdade). As insurgências teórico-metodológicas que se emparelham às chamadas políticas *queer* buscam formular estratégias de resistência, desconfiam dos estabelecidos e movimentam-se por “brechas e formas de transgredir as práticas e discursos sociais já instaurados e naturalizados e que mantêm intacta uma concepção de mundo sintonizada com a ótica heteronormativa” (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2016, p. 124).

A expressão “teoria *queer*” foi mencionada pela primeira vez em 1990, nos EUA, durante uma conferência proferida pela pesquisadora feminista italiana Teresa De Lauretis. Durante sua

¹ Epistemologia refere-se ao conjunto de teorias que fornece a base conceitual (VEIGA-NETO, 2003).

² O [cis] foi acrescentado à expressão “heterocentrado”, cunhada por Preciado (2014). Cabe frisar que o uso do CIS refere-se à palavra cisgênero, utilizada para designar pessoas que se identificam com os gêneros que lhes foram atribuídos no nascimento.

fala, De Lauretis buscava fomentar uma crítica aos estudos gays e lésbicos da época, denunciando o essencialismo identitário e colocando em xeque a compreensão das identidades sexuais e de gênero sob a perspectiva de uma matriz binária (MISKOLCI, 2009; LUGARINHO, 2010). Dessa forma, a teoria *queer* possibilitou a construção de uma proposta de política pós-identitária, cujo alvo não seria “propriamente as vidas ou os destinos de homens e mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos” (LOURO, 2001, p. 549). O que está em jogo nas apostas movimentadas nas políticas *queer* é a exposição das contingências e dos limites heteronormatividade, a partir do argumento central de que corpos, gêneros e sexualidades são construções históricas, sociais e culturais (COUTO JUNIOR, 2016).

Queer é interpelação pejorativa utilizado em países de língua inglesa, demarcando diferença, assignando os desviantes da norma heterossexual. Traduzido para o português, *queer* significa “bizarro”, “estranho”, “veado”, “bicha,” “sapatão”, dentre outros. O termo, “com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais [nos EUA] precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação” (LOURO, 2001, p. 546) às heteronormas. O sentido injurioso do *queer* foi estrategicamente adotado para denunciar as experiências da abjeção sofridas pelos grupos que integravam as chamadas minorias sexuais. Esses grupos passaram a ressignificar o termo pejorativo, transformando-o “numa forma orgulhosa de manifestar a *diferença*” (PEREIRA, 2006, p. 469, grifo dx autorx).

Articulada inicialmente no Norte Global, a teoria *queer* vem se constituindo como uma resposta irreverente das minorias sociais às normas regulatórias de gênero. A abordagem teórica do pensamento *queer* é ancorada nos Estudos Culturais norte-americanos e na corrente pós-estruturalista da filosofia, com muitas contribuições advindas das obras “História da Sexualidade I: a vontade de saber”, de Michel Foucault, e “Gramatologia”, de Jacques Derrida (MISKOLCI, 2009). Entretanto, diferentemente dos EUA, cuja demanda social e os debates no âmbito dos diferentes movimentos propiciaram o fortalecimento de argumentos que tornaram possível a idealização de uma teoria *queer*, a chegada dessa teoria ao Brasil ocorreu por meio do âmbito universitário (PELÚCIO, 2014a). Reiteramos o quanto é, de certa forma, contraditório traçar uma cronologia da emergência das teorias *queer*, uma vez que a constituição dessas apostas teórico-militantes envolveu uma gama de origens e influências diversas, bebendo principalmente das reflexões tecidas no âmbito das pesquisas acadêmicas e no âmbito dos ativismos políticos (LEWIS *et al.*, 2017).

Sobre a emergência e os desdobramentos da teoria *queer* na América Latina, Miskolci (2014) argumenta que tem sido notório o movimento unidirecional desta teoria: inventada no norte, suas reflexões são geralmente meramente incorporadas à produção acadêmica latino-americana. O movimento unidirecional norte → sul percorrido por essa teoria evidencia claramente o Norte Global como autor/produtor de teorias, com os países do Sul se constituindo geralmente como meros “receptores” e “importadores” de teorias que acabam muitas vezes desconsiderando suas marcas e riquezas locais (LEWIS *et al.*, 2017). Em encontro a essa direção, Pereira (2015) mostra que a teoria *queer* formulada no Norte Global “viaja ao Sul, com os desafios, os perigos e as potencialidades que as viagens ensejam. Por isso, pode haver a tentação de simplesmente aplicá-la, como se aquele termo (*queer*) e a subversão que provoca [...] não atuassem também em deslocamentos” (p. 413-414, grifo dx autorx). Caminhamos amparados pela ideia de que a tradução imediata da teoria *queer* para a língua portuguesa não é possível, restando-nos então reinterpretar e reelaborar essa expressão considerando as inúmeras marcas culturais presentes no contexto brasileiro (LUGARINHO, 2010).

Desde a popularização da teoria *queer* em 2001 no Brasil com o texto de Guacira Lopes Louro (2001), diversxs pesquisadorxs brasileiros vêm expondo os limites de uma teoria formulada no Norte Global e, ao mesmo tempo, encontrando alternativas que possibilitem (re)pensar o termo *queer* ao sul da linha do Equador. (Re)pensar o *queer* no contexto brasileiro significa (re)criar epistemologias atentas aos contextos e marcas culturais locais através da formulação de abordagens interseccionais que abarquem os diferentes marcadores sociais como gênero, sexualidade, raça, classe e localização geográfica. Dessa forma, uma investigação afetada pelo *queer* “permite-nos pensar nos termos de insurgências linguísticas, outras semióticas do desejo e do prazer, outros modos de pensar” (POCAHY, 2016, p. 16) e de pesquisar.

A proposta deste trabalho, fruto de pesquisa de pós-doutorado em andamento³, é cartografar os usos e impactos dos efeitos epistemológicos das contribuições *queer* para o campo dos estudos de gênero e sexualidade em educação no Brasil. Para isso, flertamos com epistemologias teóricas que visam deslocar o olhar para o sul da linha do Equador, buscando questionar os ideais de “uma moralidade burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada” (PELÚCIO, 2014a, p. 28). Não há que se negligenciar que o movimento unidirecional norte → sul percorrido pela teoria *queer* nos

³ A pesquisa de pós-doutorado, intitulada “Queer no Norte, e o *que(er)* ao sul da linha do Equador? Panorama da produção científica brasileira (2001-2016) sobre os desdobramentos da teoria *queer* no campo educacional”, é financiada pelo CNPq. O projeto, desenvolvido mediante supervisão dx professorx Fernando Pocahy, está articulado ao Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade e(m) Interseccionalidades (Geni) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ).

auxiliou na formulação da crítica sobre quais são os países reconhecidos e legitimados a produzir teorizações, e quais aqueles que permanecem na condição de “meros receptores” de teorias que, comumente, desconsideram marcas e tradições locais.

2. Considerações sobre os (des)caminhos investigativos

O(s) (des)caminhos metodológicos engendrados na realização do panorama dos trabalhos que dialogam com a teoria *queer* propiciou que encontrássemos na cartografia um princípio ético-estético-político que nos aproximou das produções teórico-metodológicas realizadas por pesquisadorxs brasileirxs. Essas produções, cujas reflexões encontram-se situadas em diferentes espaços-tempos, vêm nos auxiliando na investigação dos efeitos das teorizações *queer* no campo de pesquisa educacional. Através da prática cartográfica, nossa aposta de investigar as tensões ético-estético-políticas disparadas pelos desdobramentos do *queer* na pesquisa em educação emerge da necessidade de acompanhar o entrecruzamento dos múltiplos fluxos do saber, produzidos por pontos de vista fundamentados em suas próprias epistemologias. Ao assumirmos uma intencionalidade cartográfica para investigar os efeitos das teorizações *queer*, buscamos uma “estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47). Esse modo nos convida a problematizar as próprias enunciações e jogos de saber-poder produzidos no âmbito científico, principalmente no que se refere a forma como vimos reconhecendo e legitimando determinados conhecimentos acadêmicos, não raramente relegados ao campo do “inquestionável”.

A cartografia emerge da crítica aos modos tradicionais de produzir conhecimento, ou seja, o questionamento às pesquisas cujos métodos encontram-se ancorados no paradigma moderno (razão, objetividade, neutralidade) (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011). Dessa forma, o percurso a ser tra(n)çado pelxs pesquisadorxs no ofício de cartografar seu campo revela a especificidade de um princípio metodológico que não prima por uma objetividade única, mas pela singularidade com que o objeto de estudo é abordado/analísado (PRADO FILHO; TETI, 2013). Corroborando essa perspectiva, Zambenedetti e Silva (2011) argumentam que a prática cartográfica constitui um conjunto de ferramentas de análise criadas “sem a intenção de erigi-las em modelos baseados em regras e procedimentos pré-definidos, capazes de serem aplicados, replicados e generalizados” (p. 454). Segundo Suely Rolnik (1987), as teorias são como cartografias. A aposta dx autorx nos

permite experimentações: tomamos aqui as cartografias como planografias de acontecimentos, mapas que se desenham em movimento, composições de fluxos de conhecimento e redes de afecção, traçados de redes complexas de saber-poder, mapeamentos de processos de subjetivação ou daquilo que interpela alguém a uma determinada forma de agir-pensar o/no mundo.

A problematização cartográfica apresenta como um de seus focos centrais a investigação dos “jogos de verdade e de enunciação, jogos de objetivação e subjetivação, modos de sujeição e assujeitamento, produção de corpos morais, sexuais, produtivos, estetizações e produções de si mesmo, formas de resistência, práticas de liberdade” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 56). Dessa forma, colocar agir cartograficamente significa abrir mão de métodos cristalizados, da previsibilidade e do controle e, conseqüentemente, permanecer aberto à proposição de novos caminhos metodológicos na produção de conhecimentos (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011).

Artigos publicados em periódicos científicos (indexados pela CAPES⁴), livros, capítulos de livros, teses, dissertações e textos publicados em anais de eventos constituíram o campo material analisado para se mapear os efeitos das teorizações *queer* na produção nacional voltada, mas não restrita, ao campo da educacional. Foram selecionados cerca de 20 (vinte) trabalhos publicados desde 2001, uma vez que o referido ano foi um marco na repercussão da teoria *queer* no Brasil, ocorrendo através da publicação do artigo de Louro (2001) na Revista Estudos Feministas, amplamente difundido e discutido entre pesquisadorxs do campo de estudos de gênero e sexualidade (MISKOLCI, 2011; SOUZA; BENETTI, 2015). As entradas de problematização que elaboramos nessa cartografia (tomando aqui os trabalhos como entradas, fios que nos conectam a uma rede de fruição epistemológica) serão apresentadas no item seguinte.

3. Queer no norte, e o *que(er)* ao sul da linha do Equador? Acompanhando (alguns) fluxos

As repercussões da teoria *queer* na produção acadêmica brasileira apontam para o engajamento político e ético cada vez maior de pesquisadores que buscam criar epistemologias decoloniais. A decolonização consiste na possibilidade de desprendimento do eurocentrismo, tanto de sua lógica quanto de seu aparato, impulsionando-nos a pesquisar/vivenciar/experimentar outras “histórias e teorias, abrir-se aos Outros encobertos pela lógica da colonialidade – esses Outros tornados menores, abjetos, desqualificados” (PEREIRA, 2015, p. 422). Assim, colocar em prática o ato de descolonizar teorias implica nosso compromisso político-ético de (re)pensar o lugar social

⁴ Sigla da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

ocupado pelos países periféricos, denunciando o quanto as experiências culturais dissidentes são geralmente invisibilizadas e desqualificadas pelos colonizadores.

A partir das experiências dissidências de gênero e sexualidade que vêm sendo produzidas ao sul da linha do Equador, reconhecemos a necessidade de fomentar discussões teóricas que, longe de serem meramente incorporadas do Norte Global, possam ser desencadeadas a partir de epistemologias sintonizadas com nosso lugar de origem que, não raramente, é social e geograficamente reconhecido como o “cu do mundo” (PELÚCIO, 2014a, p. 78). Interessa-nos dialogar a partir de nossas vivências enquanto sujeitos latino-americanos – vivências marcadas pelo entrecruzamento de diversos marcadores sociais de identidade e diferença que nos constituem e nos impulsionam a (re)pensar nossas próprias experiências cotidianas como sendo periféricas, mas também insurgentes, desobedientes.

Buscamos planos de experimentação teóricos engendrados pelas epistemologias *queer* para (re)pensar “o sentido da pesquisa como (re)inventora dos problemas sobre nosso tempo, forçando a passagem de outras epistemologias de mundo (que não apenas as epistemologias científicas)” (POCAHY, 2016, p. 17). Com isso, nosso trabalho vem cartografando os possíveis efeitos de teorizações *queer* na pesquisa nacional em educação, buscando identificar a complexa trama por onde essas teorizações enredam-se no contexto da produção acadêmica do campo de estudos de gênero e sexualidade (dissidentes). Embora seja possível observar o crescente número de pesquisas brasileiras do campo das Ciências Humanas e Sociais que adotam as contribuições da teoria *queer* na promoção de reflexões em torno dos corpos, gêneros e sexualidades em diversos contextos socioculturais, não há como negar que é relativamente recente a chegada dessa teoria ao Brasil. No entanto, uma série de estudos inspirados pelas teorizações *queer* abrangendo temas diversos e formas distintas de (re)interpretar a expressão *queer* no campo educacional brasileiro vêm sendo publicados. Nesse campo, vale destacar os seguintes trabalhos:

Tabela 1: fluxos cartográficos dos efeitos das teorizações *queer* na pesquisa nacional com/sobre gênero e sexualidade na educação

Desdobramentos do <i>queer</i>	Principais articulações teóricas	Referência(s)
Educação rizomática	Proposta de uma educação discutida por Borba e Lima (2014) a partir das contribuições de Deleuze e da teoria <i>queer</i> .	BORBA, Rodrigo; LIMA, Fátima. Por uma educação rizomática: sobre as potências queer, a política menor e as multiplicidades. <i>Revista Periódicus</i> , Bahia, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2014.
Embichamento do currículo	Expressão criada por Sussekind e Reis (2015) a partir dos estudos com os cotidianos com a intenção de discutir questões curriculares em resposta à heteronormatividade. As pesquisas com os cotidianos	SUSSEKIND, Maria Luiza; REIS, Graça Franco da Silva. Currículos-como-experiências-vidadas: um relato de

	buscam captar, no campo empírico “seu dinamismo, seus enredamentos, seus pequenos acontecimentos [...] para o encontro do imprevisível, do incontrolável, do diverso, do singular que também fazem parte da vida cotidiana e de aprendizagem sobre o mundo” (OLIVEIRA, 2007, p. 122-123).	embichamento nos cotidianos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro. <i>Currículo Sem Fronteiras</i> , v. 15, n. 3, p. 614-625, set./dez. 2015.
Currículo <i>queer</i>	Para Louro (2001), “Uma pedagogia e um currículo <i>queer</i> se distinguiriam de programas multiculturais bem intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo <i>queer</i> estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades” (p. 550, grifos dx autorx). Silva, Silveira e Costa (2016) visam, “por meio de uma bricolagem teórica entre elementos da teoria <i>queer</i> e dos estudos curriculares de inspiração pós-crítica, problematizar a estrutura binária e normalizante do currículo, estranhando-o e desestabilizando os seus cânones normalizadores, subvertendo-o, para, assim, pensá-lo a partir de um perspectiva <i>queer</i> ” (p. 147-148, grifos dxs autorxs).	LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. <i>Revista Estudos Feministas</i> , Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. SILVA, João Paulo de Lorena; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Cristy Souza. A teoria queer e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. <i>Textura</i> , Canoas, v. 18, n. 38, p. 143-161, set./dez. 2016.
Educação bicha	Proposta por Zamboni (2016), a educação bicha se inspira na filosofia da diferença de Deleuze “para operar uma esquizoanálise da bicha, que é abordada como devir e como analisador que possibilita pensar diferentemente (p. 7).	ZAMBONI, Jésio. <i>Educação bicha: uma a(na[])rqueologia da diversidade sexual</i> . 2016. 115f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.
Pedagogia <i>queer</i>	Para Louro (2001), “uma pedagogia e um currículo <i>queer</i> ‘falamos’ a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos <i>queer</i> . Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência” (p. 552, grifos dx autorx). César (2012) justifica o motivo pelo qual defende a pedagogia queer ao argumentar: “Por que uma pedagogia <i>queer</i> ? Para introduzir na pedagogia e na educação a dúvida e a incerteza em relação à norma disciplinar quanto aos saberes e aos corpos. Isto é, para dilacerar os limites do pensamento e pensar o impensável. Por que na escola? Porque na escola, em nome da racionalidade e da ciência, se produziu uma história de normalização, exclusão e violência em torno dos saberes, dos corpos e dos sujeitos” (p. 352, grifo dx autorx). Couto Junior (2016), através dos trabalhos de Foucault e das contribuições de pesquisadorxs que investigam sob as epistemologias <i>queer</i> , defende “uma pedagogia <i>queer</i> preocupada em problematizar a forma como os gêneros, as sexualidades e os corpos são classificados por inúmeros atributos socialmente construídos que reforçam hierarquizações e, conseqüentemente, desqualificações” (p. 267, grifo dx autorx).	LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. <i>Revista Estudos Feministas</i> , Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. CÉSAR, Maria Rita de Assis. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia queer. <i>Educação Temática Digital</i> , Campinas, v. 14, n. 1, p. 351-362, jan./jun. 2012. SILVA, João Paulo de Lorena; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Cristy Souza. A teoria queer e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. <i>Textura</i> , Canoas, v. 18, n. 38, p. 143-161, set./dez. 2016. COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Gênero, sexualidade e a teoria queer na educação: colocando em questão a heteronormatividade. <i>Atos de Pesquisa em Educação</i> , Blumenau, v. 11, n. 1, p. 250-270, jan./abr. 2016.
Via(da)gens <i>queer</i>	Para Pocahy (2016), “O que as via(da)gens <i>queer</i> nos apontam é que há mais perigo nos caminhos pavimentados [...]. Talvez precisemos conceber outras práticas de conhecer, como práticas sensíveis aos territórios livres à experimentação e à produção de novos modos de vida, outros modos de entendimento e simpatia pelo mundo” (grifo dx autorx, p. 23). A viadagem busca, estrategicamente, resignificar o termo injurioso (viado), transformando-o numa forma positiva de celebrar outras estéticas de (r)existência. As viagens <i>queer</i> podem ser pensadas como as inúmeras possibilidades epistemológicas que emergem com os estudos <i>queer</i> .	POCAHY, Fernando. (Micro)políticas queer: dissidências em pesquisa. <i>Textura</i> , Canoas, v. 18, n. 38, p. 8-25, set./dez. 2016.
Pesquisa-	De acordo com Pocahy (2013), a pesquisa-aquedação defende “não	UZIEL, Anna Paula. Prefácio. In:

aquedação	<p>apenas a necessidade de outros modos de conhecer [...], mas interpelando a pesquisa em outra disposição para dar corpo teórico às suas experimentações e fazendo uma dobra sobre o que pensamos que é conhecer, desaquecendo os fascismos epistemológicos e as tirarias normativas” (p. 231).</p> <p>Sobe o trabalho de Pocahy (2013), Uziel (2013) esclarece que o termo “aqueudar” busca “ranger a Psicologia em ‘Pesquisa-aquedação’. <i>Derivas de uma epistemologia libertina</i>, fazendo-a debater pelo avesso do que ele chama de hetero ou homonormas. As preocupações epistemológica e metodológica fazem transbordar o texto que se inspira em Foucault e autores da teoria <i>Queer</i>” (UZIEL, 2013, p. 12, grifos dx autorx).</p>	<p>TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; PERES, Wiliam Siqueira; RONDINI, Carina Alexandra; SOUZA, Leonardo Lemos (Orgs.). <i>Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea</i>. Cuiabá: EDUFMT, 2013, p. 7-13.</p> <p>POCAHY, Fernando. “Pesquisa-aquedação”: derivas de uma epistemologia libertina. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; PERES, Wiliam Siqueira; RONDINI, Carina Alexandra; SOUZA, Leonardo Lemos (Orgs.). <i>Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea</i>. Cuiabá: EDUFMT, 2013, p. 213-234.</p>
Criança transviada	<p>Silva e Paraíso (2017) buscam articular os estudos <i>queer</i>, o campo curricular e a educação de crianças pequenas. A partir do que Preciado (2013) denomina de crianças <i>queer</i>, xs autorxs formulam a noção de criança transviada, argumentando que “os infantis-queers são capazes de efetuar no currículo um ‘devir-criativo’ que permite a construção de novas formas de relação e um ‘devir-transviado’ que afeta e contagia todas as crianças. Nisso reside uma possibilidade de resistência importante, que consiste na recusa das formas impostas de subjetividade para meninos e meninas e na construção de outros modos de estar e viver as infâncias no currículo” (p. 2, grifo dx autorxs).</p>	<p>SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Bagunçando as normas de gênero: crianças transviadas e a invenção de outros possíveis no currículo escolar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 4., 2017, Canoas. <i>Anais... Canoas</i>: ULBRA, 2017, 13p.</p>
Enviadescer	<p>Inspirando-se no funk transviado de Linn da Quebrada, Colling, Sousa e Sena (2017) defendem que a prática do enviadescimento pode auxiliar no trabalho de pesquisa envolvendo a dimensão da interseccionalidade: “O que é enviadescer e qual a sua potência para pensar as interseccionalidades? Para tentar responder essas questões, inicialmente defenderemos que pessoas e coletivos sintonizadxs com as perspectivas queer têm trabalhado com mais ênfase a interseccionalidade em suas ações e políticas, pensadas aqui como um ativismo das dissidências sexuais e de gênero” (p. 193). Somando-se a isso, elxs mostram o quanto o trabalho musical de “Linn da Quebrada [...] nos ensina como enviadescer para produzir interseccionalidades, ou melhor, nos provoca para pensar em como é necessário incluir o enviadescer nas estratégias que almejam as interseccionalidades” (p. 193).</p>	<p>COLLING, Leandro; SOUSA, Alexandre Nunes; SENA, Francisco Soares. Enviadescer para produzir interseccionalidades. In: OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lígia (Orgs.). <i>Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes</i>. Lisboa: Maiadouro, 2017, p. 193-215.</p>
Putá teoria	<p>Duque (2014) identifica a “Teoria Queer como uma puta teoria. O adjetivo ‘puta’ aqui é pensando a partir dos seus usos múltiplos, [...] com uma ideia nada ingênua de que identidade fixa e estável ainda faz todo o sentido para pensar militância e políticas públicas” (p. 86)</p>	<p>DUQUE, Tiago. Corpo, estado e militância, ou sobre aquilo que você precisa saber antes de começar a ler uma puta teoria. <i>Revista Florestan</i>, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 67-89, nov. 2014.</p>
Teoria cu	<p>A teoria cu formulada por Pelúcio (2014a, 2014b, 2016) advém principalmente das reflexões teóricas de Paul Beatriz Preciado. Nas palavras de Pelúcio (2014b), “É pelo cu que chego a pensar nos desafios epistemológicos do presente. Quer dizer, que quero pensar fora das dicotomias excludentes que ancoram em uma pretensa naturalidade do corpo e neutralidade dos órgãos ‘verdades’ que têm implicado em perpetuação de desigualdades. É por aí também que convido quem me lê a pensar. Um convite que funciona como forma de desestabilizar o lugar da cabeça como metonímia para a razão ocidental (p. 37-38).</p>	<p>PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. <i>Revista Florestan</i>, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 26-45, nov. 2014a.</p> <p>PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? <i>Revista Periódicus</i>, Bahia, v. 1, n. 1 p. 68-91, 2014b.</p> <p>PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não</p>

		higienizar o queer no Brasil. <i>Iberic@l: Revue D'études Ibériques et Ibéro-américaines</i> , Paris, n. 9, p. 123-136, printemps 2016.
Estudos transviados	Expressão proposta por Bento (2009, 2014) como alternativa à nomeação estudos <i>queer</i> . Esses estudos são principalmente alimentados pela necessidade de se questionar o processo de patologização das identidades trans. Segundo x autorx, “Nos estudos transviados os discursos médicos passam a ser analisados como engrenagens discursivas que limitam a existência da diversidade dos desejos, dos gêneros, das sexualidades ao âmbito das estruturas fixas corpóreas. E assim se estabelece uma disputa epistemológica onde o corpo passa a ser um significante com múltiplos significados, uma estrutura estruturante em permanente processo de transformação” (BENTO, 2014, p. 49).	BENTO, Berenice. Apresentação. In: PELÚCIO, Larissa. <i>Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS</i> . São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009, p. 17-23. BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. <i>Revista Florestan</i> , São Carlos, ano 1, n. 2, p. 46-66, 2014.

Ainda que algumas das nomeações acima não tenham sido produzidas dentro do campo de estudos educacionais, como é o caso dos *estudos transviados* (BENTO, 2009, 2014) e da *teoria cu*, (PELÚCIO, 2014a, 2014b, 2016) essas nomeações vêm “respingando” nas pesquisas em educação através dos trabalhos de diversxs pesquisadorxs (COUTO JUNIOR, 2016; SILVA; PARAÍSO, 2017, para citar alguns). Dito isso, não há como negar que a articulação entre os efeitos das ressonâncias *queer* e a pesquisa nacional em educação vem possibilitando o enriquecimento do campo de estudos de gênero e sexualidade. O olhar plural da pesquisa em educação envolvendo os diversos marcadores sociais de identidade e diferença oferece possibilidades teórico-metodológicas que não partem dos mesmos pressupostos, mas apresentam algumas intenções similaridades, como a produção de inúmeras análises discursivo-desconstrucionistas (POCAHY, 2016) que buscam questionar os regimes de verdade responsáveis pelo funcionamento e manutenção da supremacia do sistema hetero[CIS]centrado.

4. Os muitos nomes do *queer* ou nossas (des)arrumações conceituais na pesquisa sobre dissidências de gênero e sexualidade

Os traços iniciais de nossa cartografia evidenciam o interessante processo criativo e irreverente utilizado pelxs pesquisadorxs brasileirxs, que destacam a necessidade de se (re)pensar sobre as repercussões das epistemologias *queer* no contexto educacional brasileiro. Os muitos nomes possíveis do *queer* (re)contam histórias que produzem visões sobre temporalidades específicas, o que nos convida a reconhecê-lo “como código aberto, híbrido para ser usado” (OLIVEIRA, 2017, p. 1). Diferentes (re)combinações, (dis)torções e (re)apropriações teóricas buscam, de certa forma, expor os limites de uma teoria formulada no Norte Global e, ao mesmo

tempo, encontram alternativas e estratégias epistemológicas que possibilitem (re)pensar o *queer* ao sul da linha do Equador. Conceitos e teorias, quando viajam, interagem com outros espaços culturais e linguísticos “marcados por relações de poder não idênticas àquelas de onde vieram” (LOURO, 2013, p. 63-64). Com isso, não podemos negligenciar que a teoria *queer* vem se constituindo “como campo de saber permeado por diversas apropriações, conflitos, dissensos e [...] como solo fértil para a criatividade” (PADILHA; FACIOLI, 2015, p. 143); criatividade essa alimentada pela necessidade de se criar epistemologias interseccionais que possam servir de importante arsenal teórico-metodológico nas investigações realizadas ao sul da linha do Equador.

Diante dos regimes de verdade que, historicamente, vêm sendo produzidos pela pedagogia em torno dos corpos, gêneros e sexualidades (FOUCAULT, 2014), interessa-nos pensar, no campo da educação, os efeitos engendrados pelas epistemologias *queer*, porque “as insubordinações *queer*, assim como os (trans)feminismos interseccionais e pós-modernos, desarrumam e desfazem as certezas ordinárias – denunciando os desejos de norma e aqueles movimentos mais apegados a formas de dominação” (POCAHY 2016, p. 10, grifo dx autorx). Pensar os possíveis efeitos das teorizações *queer* na pesquisa nacional com/sobre gênero e sexualidade na educação é pensar em outras possibilidades epistemológicas que possam ser potentes na denúncia contra os regimes de verdade. Com isso, nosso trabalho vem acompanhando cartografias que apontam para alargamentos discursivos sobre corpos-subjetivações (im)possíveis, reconhecendo e legitimando, para além da perspectiva binária, a forma com a qual corpos, gêneros e sexualidades são ficcionados na cultura.

Referências bibliográficas

- BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Revista Florestan*, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 46-66, 2014.
- _____. Apresentação. In: PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009, p. 17-23.
- BORBA, Rodrigo; LIMA, Fátima. Por uma educação rizomática: sobre as potências queer, a política menor e as multiplicidades. *Revista Periódicus*, Bahia, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2014.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia queer. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 351-362, jan./jun. 2012.
- COLLING, Leandro; SOUSA, Alexandre Nunes; SENA, Francisco Soares. Enviadescer para produzir interseccionalidades. In: OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lúcia (Orgs.). *Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes*. Lisboa: Maiadouro, 2017, p. 193-215.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Gênero, sexualidade e a teoria queer na educação: colocando em questão a heteronormatividade. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 11, n. 1, p. 250-270, jan./abr. 2016.

- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Em defesa de uma pedagogia queer: re-imaginando corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar. *Textura*, Canoas, v. 18, n. 38, p. 123-142, set./dez. 2016.
- DUQUE, Tiago. Corpo, estado e militância, ou sobre aquilo que você precisa saber antes de começar a ler uma puta teoria. *Revista Florestan*, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 67-89, nov. 2014.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- LEWIS, Elizabeth Sara; BORBA, Rodrigo; FABRÍCIO, Branca Falabella; PINTO, Diana de Souza. Introdução: Cu-irizando desde o Sul. In: LEWIS, Elizabeth Sara; BORBA, Rodrigo; FABRÍCIO, Branca Falabella; PINTO, Diana de Souza (Orgs.). *Queering Paradigms IVa: insurgências queer ao Sul do equador*. Oxford: Peter Lang, 2017, v. 1, p. 1-12.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- LUGARINHO, Mário César. Antropofagia crítica: para um teoria *queer* em português. *Revista Olhar*, São Carlos, ano 12, n. 22, p. 106-112, jan./jul. 2010.
- MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.
- _____. Um saber insurgente ao sul do Equador. *Revista Periódicus*, Bahia, v. 1, n. 1, p. 43-67, maio/out. 2014.
- _____. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, Luís Antônio; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro (Orgs.). Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 47-68.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. O campo de estudos do cotidiano e sua contribuição para a pesquisa em educação. In: SCHWARTZ, Cleonara Maria... [et al.] (Orgs.). *Desafios da educação básica e pesquisa em educação*. Vitória: EDUFES, 2007, p. 107-127.
- OLIVEIRA, João Manuel. Genealogias excêntricas: os mil nomes do queer (apresentação do dossiê). *Revista Periódicus*, Bahia, v. 1, n. 6, p. 1-6, nov./abr. 2017.
- PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da Teoria Queer ao Sul do Equador (entrevista com Berenice Bento). *Áskesis*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 143-155, jan./jun. 2015.
- PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. *Revista Florestan*, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 26-45, nov. 2014a.
- _____. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Revista Periódicus*, Bahia, v. 1, n. 1 p. 68-91, 2014b.
- _____. O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. *Iberic@l: Revue D'études Ibériques et Ibéro-américaines*, Paris, n. 9, p. 123-136, printemps 2016.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 411-437, jul./dez. 2015.

- _____. A teoria queer e a reinvenção do corpo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 27, p. 469-477, jul./dez. 2006.
- POCAHY, Fernando. (Micro)políticas queer: dissidências em pesquisa. *Textura*, Canoas, v. 18, n. 38, p. 8-25, set./dez. 2016.
- _____. “Pesquisa-aquecimento”: derivas de uma epistemologia libertina. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; PERES, Wiliam Siqueira; RONDINI, Carina Alexandra; SOUZA, Leonardo Lemos (Orgs.). *Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea*. Cuiabá: EDUFMT, 2013, p. 213-234.
- PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.
- PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2014.
- _____. Quem defende a criança queer? *Jangada*, Viçosa, n. 1, p. 96-99, jan./jun. 2013.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil*. Núcleo de Estudos Da Subjetividade. 1987. PUC-SP. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>>. Acesso em: 13 jun 2017.
- SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Bagunçando as normas de gênero: crianças transviadas e a invenção de outros possíveis no currículo escolar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 4., 2017, Canoas. *Anais...* Canoas: ULBRA, 2017, 13p.
- SILVA, João Paulo de Lorena; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Cristy Souza. A teoria queer e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des)normalizações. *Textura*, Canoas, v. 18, n. 38, p. 143-161, set./dez. 2016.
- SOUZA, Fábio Feltrin de; BENETTI, Fernando José. Historiografando a abjeção: uma arqueografia dos Estudos queer no Brasil (1990-2000). *Contemporâneos: revista de Artes e Humanidades*, n. 12, p. 1-13, nov./abr. 2015.
- SUSSEKIND, Maria Luiza; REIS, Graça Franco da Silva. Currículos-como-experiências- vividas: um relato de embichamento nos cotidianos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro. *Currículo Sem Fronteiras*, v. 15, n. 3, p. 614-625, set./dez. 2015.
- UZIEL, Anna Paula. Prefácio. In: TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; PERES, Wiliam Siqueira; RONDINI, Carina Alexandra; SOUZA, Leonardo Lemos (Orgs.). *Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea*. Cuiabá: EDUFMT, 2013, p. 7-13.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 5-15, 2003.
- ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane Azevedo Neves. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, Minas Gerais, v. 23, n. 3, p. 454-463, set./dez. 2011.
- ZAMBONI, Jésio. *Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual*. 2016. 115f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.